

A literatura infantil e a função humanizadora de Antonio Candido

*Ivanor Luiz Guarnieri*¹
*Marta Camilo da Silva Guarnieri*²

Resumo

Este estudo tem como objeto de investigação a Literatura como processo de humanização. A abordagem está ligada à Educação. As perquirições analíticas se apoiam no conceito de Literatura como função humanizadora, do crítico Antonio Candido, e confronta-o com a Literatura para crianças. A hipótese que norteia o trabalho é a de que as obras destinadas ao público infantil têm um caráter humanizador, no sentido de formar para a compreensão de mundo, no sentido heideggeriano de mundo como cultura. A metodologia do trabalho, analítico-sintética, indica dois momentos da abordagem. O primeiro visa definir o conceito de Literatura Humanizadora; o segundo, na abordagem realizada por especialistas na área da Literatura Infantil feita por meio de Análise do Discurso sobre dois contos infantis, bem como de uma das obras de literatura infantil mais famosas em nosso país na segunda metade do século XX: O meu pé de laranja lima. Os resultados até aqui alcançados demonstram a plausibilidade da hipótese do caráter humanizador e permitem concluir afirmando a relevância da Literatura Infantil em sala de aula. Os resultados da pesquisa, ao apontar a relevância da Literatura Infantil para a formação humana, permitem sugerir que essa arte seja levada com denodo e aplicação para as salas de aula de nossas escolas.

Palavras-chave: educação; Literatura; Pedagogia.

¹ Grupos de pesquisa: Mapa Cultural - Centro Interdisciplinar de Estudos em Cultura e Artes, UNIR – e Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação Superior – UNIOESTE.

² SEDUC. Grupo de pesquisa Interdisciplinar em Educação Superior – UNIOESTE.

Children's literature and the humanizing function of Antonio Candido

Abstract

This study has as object of investigation the Literature as a process of humanization. The approach is linked to Education. Analytical perceptions are based on the concept of Literature as a humanizing function, by the critic Antonio Candido, and confronts it with literature for children. The hypothesis that guide the work is that the works aimed at children have a humanizing character, in the sense of forming for the understanding of the world, in the Heideggerian sense of world as culture. The methodology of the work, analytical-synthetic, indicates two moments of the approach. The first aims to define the concept of Humanizing Literature; the second, in the approach carried out by experts in the field of Children's Literature made through Discourse Analysis on two children's tales, as well as one of the most famous children's literature works in our country in the second half of the twentieth century: *My foot of orange lime*. The results achieved so far demonstrate the plausibility of the humanizing character hypothesis and allow us to conclude by affirming the relevance of Children's Literature in the classroom. The results of the research, by pointing out the relevance of Children's Literature for human formation, allow us to suggest that this art be taken with denode and application to the classrooms of our schools.

Keywords: education; Literature; Pedagogy.

1 Introdução

O professor Dermeval Saviani (2005) define a Pedagogia como teoria da educação. Evidentemente, é preciso considerar que outras disciplinas também se ocupam da educação. Este é o caso da Filosofia da Educação, cujas bases teóricas são tiradas da Filosofia. E a educação sempre ocupou a mente de filósofos dos mais diferentes matizes, como Platão (1972), Aristóteles (2011), Agostinho (2009), Tomás de Aquino (2004), para citar alguns. Então, que tipo de teoria é a pedagógica? Para Saviani, é a teoria que se ocupa da educação que ocorre no ato de ensinar-aprender, ou seja, na relação entre professor e aluno, notadamente no ambiente escolar.

Entre os problemas da educação escolar, está o da relação entre teoria e prática. Indissociáveis, a teoria e a prática recebem ao longo da história das ideias pedagógicas duas considerações: a primeira privilegia a teoria em relação à prática; a segunda privilegia a prática em detrimento da teoria. Ensina o professor Saviani que a concepção que coloca a teoria acima da prática é encontrável na chamada Pedagogia Tradicional, que exerceu sua supremacia até a segunda metade do século XIX. De modo geral, podemos dizer que a Pedagogia Tradicional considera certo tipo de conhecimento como necessário, e o elabora didaticamente como se fosse eterno, procurando ensiná-lo como verdade única. A Pedagogia Tradicional privilegia o papel do professor em sua relação com o aluno. Além disso, a postura tradicional, dando maior ênfase à teoria, procura responder a pergunta: como ensinar? E, com relação à formação do aluno, para esse tipo de pedagogia, o importante é a formação intelectual do estudante. Por outro lado, para a Pedagogia Nova, o encaminhamento pedagógico deve tomar a prática educativa como se estivesse acima da teoria. Para ela, a ênfase recai sobre o papel do aluno no processo pedagógico. A pergunta que ela faz é: como aprender?

Tanto na Pedagogia Tradicional, quanto na Pedagogia Nova, há a preocupação de ensinar algo proveitoso e útil, porém, com foco mais destacado na preparação teórica do aluno ou na sua formação para aprender a aprender, respectivamente. De igual modo, ambas as pedagogias têm em mira a formação humana. Portanto, os elementos comuns a ambas são esses: que formação queremos para nossos alunos? Que formação nossos alunos querem para si mesmos? A Literatura em sala de aula é elemento indispensável tanto numa quanto noutra dessas questões. Então, no presente trabalho, o objeto em análise é a literatura infantil e sua função humanizadora, conceito tomado de Antonio Candido, a ser abordado a seguir.

2 Função humanizadora da literatura

No texto *A literatura e a formação do homem*, Antonio Candido esclarece: “Nesta palestra, desejo apresentar algumas variações sobre a função humanizadora da literatura, isto é, sobre a capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem” (CANDIDO, 2002, p. 77). De imediato, a literatura é tomada como ferramenta que ajuda diretamente na formação humana. A formação humana é, desde sempre, princípio e fim da educação escolar, embora divirjam os conteúdos e os meios para que tal formação ocorra.

Ora, a literatura tem papel preponderante na vida escolar, pois ensinar-aprender a ler e a escrever é ação escolar indubitável. A questão é saber que função teria a literatura no processo ensino-aprendizagem. A rigor, em sala de aula, o que o(a) professor(a) e os estudantes têm em mãos é a obra literária. Seja destinada aos adultos ou aos miúdos, a obra literária comporta, além de si mesma, outros dois elementos: o autor e o leitor. Nessa tríade, autor, obra, leitor, a mensagem e a expressividade do que está dito se encontram em relação a um espaço social no qual

esse encontro tríplice se dá. Em outras palavras, o autor e suas idiossincrasias, mais o texto que produziu, mais o receptor da obra, se encontram no tempo singular da leitura. Ora, como se dá a função humanizadora da literatura nesse conjunto de elementos: escrita/autor, leitura/aluno?

O encontro entre o leitor e o autor (suas ideias) por meio de obras literárias acontece sempre permeado em ambiente social no qual se inserem o leitor e o autor. Esse ambiente é construído historicamente, e possui aspectos econômicos e ideológicos que favorecem ou dificultam a relação do estudante com a literatura. Nesse sentido, queremos observar um momento de nossa história.

O avanço das forças produtivas na economia mundial e a implementação de novas tecnologias criaram um novo mundo. Pode ser dito *novo mundo* se considerada a realidade atual em comparação à sociedade brasileira de alguns anos atrás. Vamos dar um exemplo que, cremos, clareia a ideia que queremos expor. Anísio Teixeira assumiu o cargo de Inspetor Geral de Ensino de Salvador, em 1924, a convite do então eleito governador Francisco Góes Calmon. A precariedade do ensino público na Bahia era enorme, em quase tudo improvisado, em salas alugadas, com carteiras precárias, ou caixotes onde os alunos se apoiavam, e, às vezes, sentados no chão, para ouvir as lições dos professores que se esforçavam para ensinar, alguns deles gastando do próprio bolso para adquirir materiais sem os quais as aulas seriam inviáveis. Isso se devia ao fato de que “o governo não oferecia mobiliário escolar, nem o professor adquiria. Cabia ao aluno fornecer cadeiras e mesas improvisadas com barricas, caixotes, pequenos bancos de tábuas, tripeças estreitas e mal equilibradas, cadeiras encouradas ou tecidas a junco” (NUNES, 2010, p. 17). Desse cenário, “acrescente-se que, na plataforma eleitoral de Calmon, explícita na Mensagem de 1925, ele se propunha apenas a aperfeiçoar o aparelho existente, argumentando que a Bahia, ao contrário de São Paulo, não tinha

urgência de alfabetização em massa já que ali a industrialização apenas engatinhava ” (NUNES, 2010, p. 18). Num ambiente como esse, a relação entre literatura, escola e função humanizadora se vê prejudicada pelo baixo número de estudantes que poderiam ter acesso às obras. Não é situação desejável, evidentemente, e é forçoso reconhecer o quanto ainda precisa ser feito nos dias de hoje para garantir o direito à literatura (CANDIDO, 2011). Descontadas essas dificuldades, é preciso anotar as possibilidades que a literatura oferece enquanto formação humana. Ora, o encontro entre o leitor e a obra depende das condições social e histórica nas quais a educação se processa. Mas voltemos ao ponto de intersecção entre literatura e formação humana.

Para definir a função humanizadora da literatura, Antonio Candido recorre ao argumento de que:

Um certo tipo de função psicológica é talvez a primeira coisa que nos ocorre quando pensamos no papel da literatura. A produção e fruição desta se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares (CANDIDO, 2002, p. 80).

Desse modo, a literatura, na concepção de Antonio Candido, é um bem necessário à satisfação do homem, e, como tal, é um direito fundamental. Em outra obra, o crítico literário lembra que “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (CANDIDO, 2011, p. 172). Isso significa considerar o outro como detentor dos mesmos direitos aos bens fundamentais, entre os quais, o direito à literatura, capaz de atender às necessidades psicológicas de imaginação e de ludicidade, pois, evidentemente, as necessidades psicológicas do ser humano implicam o desenvolvimento

da fantasia, da imaginação, tão caros à formação humana. É inegável que a imaginação permite o desenvolvimento da personalidade. As emoções e a imaginação humanas são encontráveis em diferentes situações, desde as piadas e as histórias contadas em rodas de conversa, cujo entretenimento congrega as pessoas e as faz criar situações das quais participam de modo criativo, até no deleite que as pessoas sentem ao ler poemas, contos, crônicas, e mesmo de ouvir lendas e mitos, o que confirma a importância da literatura na vida humana. A vida humana representada pela literatura pode ser entendida como “uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal” (CANDIDO, 2002, p. 80). De fato, a literatura não é, exclusivamente, a única a proporcionar tal fruição imaginativa, mas é uma das mais importantes e, sem dúvida, das mais requintadas.

As questões levantadas acima levam o crítico literário a inquirir: “A literatura tem uma função formativa de tipo educacional?” (CANDIDO, 2002, p. 82). Os países desenvolvidos sempre tiveram as letras em alta conta, e a formação dos alunos, nesses países, por óbvio, requer o domínio da escrita e da norma culta. Aliás, sobre isso, há competições internacionais realizadas entre alunos de diferentes países. O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA na sigla em inglês) avaliou pouco mais de 500.000 alunos de 65 países, em 2012. As áreas avaliadas foram leitura, matemática e ciências (BBC - BRASIL, 2015). Do ponto de vista da leitura em si, a literatura tem já seu papel definido. Mas, além do aspecto técnico do ato de ler, a literatura infantil contribui para a formação humana de nossos alunos, na medida que suas narrativas envolvem bem mais do que simples decodificação de caracteres tipográficos. A arte literária pode formar para além do mero aprendizado mecânico, para além da contemplação do que é belo ou verdadeiro. Sua função humanizadora implica ampliar os horizontes mentais do leitor, permitindo-lhe vislumbrar novos

arranjos teóricos e outras possibilidades de discernimento, sobre o mundo e sobre si mesmo, que só a arte bem elaborada é capaz.

Acompanhando, contudo, o raciocínio do professor Antonio Candido, vemos que ele não defende a utilização de obras literárias no sentido tradicional, de que elas servem para edificação e elevação humana, ou seja, longe está o sentido de edificação do homem como sendo seu objetivo principal. Que ela o faça, não há problema, que este seja seu objetivo único, eis o que precisa ser combatido. Combatido, pois se fosse apenas isso, obras literárias de alto valor seriam proibidas por censores que poderiam ver nelas algo que os desagradassem. Acima de tudo, a função dessa arte é “satisfazer a necessidade universal de fantasia e contribuir para a formação da personalidade” (CANDIDO, 2002, p. 85). A formação da personalidade requer que os textos não sejam mutilados, no sentido de serem excluídos deles aquilo que por ventura não se enquadre nas concepções dogmáticas de algum censor. Para formar a personalidade, é necessária a plenitude do humano, e isso implica considerar o homem como tal, como totalidade.

Embora a literatura trabalhe com a imaginação, a fabulação e o devaneio, seu ponto de partida é a realidade do mundo, de tal modo que a construção das narrativas toma do mundo aspectos do real concreto, sem os quais seria impossível realizar a trama narrativa das obras. Lembramos, aqui, que mesmo personagens fantasmagóricos têm sempre ligação com o real, no sentido de terem boca, orelha, nariz, ou elementos que lembrem esses órgãos do corpo humano. A fantasia tem os limites do verossímil. Além disso, cabe ressaltar o importante aspecto de que as leituras de obras de literatura podem contribuir para a inteligibilidade da realidade social. Quanto mais bem realizada, em termos estéticos e literários, mais a obra aguça a percepção de problemas de ordem social e humana. Ou seja, a construção de mundos ficcionais permite ao escritor apontar aspectos sugestivos do mundo cotidiano que de outro modo não seriam alcançáveis. “O plano estético

é o decisivo. De fato, sabemos que em literatura uma mensagem ética, política religiosa ou mais geralmente social só tem eficiência quando for reduzida a estrutura literária, a forma ordenadora” (CANDIDO, 2011, p. 181). Ora, a literatura é ordenadora de mundo, mas como arte.

Isso não quer dizer que a obra literária esteja separada do mundo, e que sirva como feixe de luz colocado de modo distante para iluminá-lo. A obra literária é também mundo e, com suas características *sui generis*, esclarece sobre o mundo. Nesse sentido, no ato de ler, “o leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e, deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade ” (CANDIDO, 2002, p. 92).

Enfim, considerando que, a respeito das criações poéticas e das fabulações de vários matizes, “não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 2011, p. 174), é possível dizer que a literatura, nesse contexto, “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (CANDIDO, 2011, p. 175). A rigor, para Antonio Candido, a literatura não parece ter função edificante, no sentido de que ela pode tornar os homens melhores ou piores, no sentido moral dos termos. Mas, sem dúvida, ao reconhecer aspectos da vida refratados nas obras que lê, o leitor pode atingir momentos de percepção de mundo que o colocam diante de realidades construídas ficcionalmente, mas atentas ao ser do homem no mundo, para usarmos uma expressão cara à fenomenologia de Heidegger. A função humanizadora da literatura não é tornar os homens santos, pura e simplesmente, mas confirmar no ser humano a sua humanidade.

3 A produção de sentidos e a literatura infantil

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) é, junto com Edmund Husserl (1859-1938), fundador da corrente filosófica denominada Fenomenologia. Para Heidegger, o homem é um ser *jogado* no mundo. Este ser, o humano, na medida em que se desenvolve, se apropria do mundo. Mundo, para Heidegger, é o mundo de cultura. O ser humano tem uma *pre-sença*, *Dasein* (ser-aí), na terminologia de Heidegger (2002), que significa: as aproximações que o ser humano faz em relação às coisas do mundo. Essa *pre-sença* é sua existência. Ora, o mundo, para esse filósofo é o mundo de cultura. A cultura é o lugar da formação humana. Nesse mundo de cultura, a literatura desempenha papel significativo por aproximar a criança das coisas culturais que a cercam. Ora, o Ser-aí (*Dasein*) tem, desde criança, um projeto. É da essência mesma do ser humano apropriar-se do mundo no existir, pois, para Heidegger: “A ‘essência’ da “pre-sença” está em sua existência” (HEIDEGGER, 2002, p. 77). O projeto do *Dasein* é justamente se apropriar da cultura. Tudo isso leva ao reconhecimento de que desenvolver-se implica conhecer.

A forte presença das ideias fenomenológicas se faz notar na Pedagogia de Paulo Freire, que abre o primeiro capítulo de seu livro *Educação como prática da liberdade* com a seguinte observação: “É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo. Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é” (FREIRE, 1967, p. 39). Essa citação é claramente ligada à abordagem que Martin Heidegger faz em *Ser e Tempo Vol. 1*, quando analisa o “Ser-no-mundo em geral como constituição fundamental da *pre-sença*” (HEIDEGGER, 2002, p. 90-91).

A leitura é ferramenta das mais importantes para conhecer o mundo de cultura. E a literatura é um tipo de leitura que contribui sobremaneira

nessa tarefa. Mas, para que as crianças se apropriem do mundo, é necessário que avancem para além da mera decodificação do código da escrita.

As crianças são sujeitos históricos que trazem uma identidade, e, conseqüentemente, a leitura que fazem das histórias literárias é tomada na variedade de sentidos própria de suas vivências. Isso não quer dizer que a narrativa, ou a fabulação, que leem se esfumace em razão do que elas pensam e de como veem a história narrada, mas sim que a recepção da obra pelos olhos das crianças não se dá de modo passivo, pois toda leitura se dá em um contexto social e em determinada cultura, da qual a criança faz parte. Nesse sentido, vale a concepção de Cecília Meireles para a literatura infantil: “A literatura infantil, em lugar de ser o que se escreve para as crianças, seria o que as crianças leem com agrado” (MEIRELES, *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 169). É a própria criança que busca espontaneamente a completude da história, julgando-a. O leitor é sujeito, e, como tal, é dono de certo caráter discursivo. A obra que lê não é discurso único e acabado, mas reelaborado no e pelo ato de ler.

Como Ser-aí (*Dasein*), no sentido de existência que procura conhecer o mundo de cultura (HEIDEGGER, 2002, p. 98), a criança busca no Outro (em outras pessoas) parâmetros para seu complemento. Esse Outro está também na fabulação própria da literatura infantil, de cujos personagens a criança se identifica ou deles tem repulsa. Não por acaso, o leitor-criança, “marcado pela incompletude, deseja ‘ser inteiro’”. Nessa relação dinâmica entre identidade e alteridade, o sujeito é ele mais a contemplação do Outro” (OLIVEIRA, 2015, p. 165). Esse Outro precisa ser reconhecível pela criança que o lê. Para tanto, não pode ser excessivamente discrepante em relação ao mundo do pequeno leitor. Desse modo, a composição da obra literária destinada às crianças e o trabalho pedagógico a ser realizado a partir dessa obra comportam alguns aspectos essenciais: o respeito ao poético, sem o qual não se constituiria em obra de arte, a história narrada, na qual valores e

características da sociedade em que a obra foi feita possam ser discerníveis, e o pedagógico, no sentido do conhecimento e dos valores passíveis de serem tratados junto aos miúdos. Sobre esses aspectos, vejamos a seguir a abordagem feita no livro *Desenvolvimento da Educação Básica* (2015) sobre dois contos infantis.

As autoras do capítulo *A leitura de contos de fadas e a formação do leitor na educação básica* analisam dois contos: o primeiro, *Os três porquinhos*, escrito por Halliwell-Phillipps, em 1843; o segundo, *Os três lobinhos e o porco mau*, escrito por Eugene Trivizas, em 1996. Esta segunda obra é uma paródia, ou contraponto, da história dos três porquinhos.

Na primeira história, na fala da mãe dos três porquinhos, esta diz a eles: “Vocês são grandes demais para viverem aqui por mais tempo. Vocês devem ir e construir suas próprias casas” (HALLIWELL, *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 173). Para as autoras de *A leitura de contos de fadas e a formação do leitor na educação básica*, Nair Maria de Oliveira, Maria Leda Pinto, Kátia Cristina Nascimento Figueira e Léia Teixeira Lacerda, a fala da progenitora estaria chamando os três porquinhos à responsabilidade, pois estariam eles já bem desenvolvidos e, como tal, deveriam ter suas próprias casas. É uma questão de maioridade e de responsabilidade por si mesmos que os três porquinhos deveriam assumir.

Outro dado presente no conto, segundo as autoras citadas acima, é a obediência sem contestação por parte dos porquinhos. Eles aceitam o que a mãe diz sem pestanejar. Saem da casa e vão tratar de suas vidas. Poderiam os porquinhos construir uma casa para os três, mas eles optam por construir cada um sua própria moradia, como todos sabemos, com três tipos de matérias e, conseqüentemente, com resistências diferentes. Ainda segundo as autoras, as marcas da individualidade e da competitividade se fazem notar nesse conto. O individualismo e a

competição são típicos do capitalismo, e são bem marcados nesse conto, escrito no auge da Revolução Industrial.

Não precisamos reproduzir a bem conhecida história dos três porquinhos. Cada um deles faz sua casa, um com palhas, um com madeiras e outro com tijolos. O lobo ameaçador derruba a primeira e a segunda casa, mas não a terceira. Entendemos que, subliminarmente, a escolha dos materiais indica certa displicência por parte dos dois primeiros porquinhos, pois com esses materiais, palha e madeira, a construção das casas se faz de modo mais rápido e com menor custo. Já o terceiro porquinho observa os irmãos a brincar enquanto ele continua ainda construindo sua moradia. Isso revela a demora na construção e as dificuldades de manejo do material e, quiçá, a própria dimensão da casa que constrói.

Tendo sido escrita em plena Revolução Industrial, o sentido do trabalho, o domínio das técnicas de construção e o cuidado com o serviço são valores destacados nesse conto. O terceiro porquinho não só tem uma casa mais bem preparada para resistir ao sopro do lobo, como consegue vencer esse personagem mau por meio de estratégias inteligentes. Nesse contexto, não é de se admirar as crianças identificarem-se com o terceiro porquinho, por este ter conseguido vencer o lobo graças às características de ser ele inteligente e trabalhador.

No conto *Os três lobinhos e o porco mau*, encontramos novamente as três casas, só que os materiais são outros. A primeira casa é feita de tijolos, a segunda de concreto e a terceira de placas de aço, o que significaria, segundo as autoras, “uma alusão às ações dos sujeitos na sociedade atual: a busca pela segurança, pela proteção e pela sobrevivência” (OLIVEIRA, 2015, p. 176), o que revela a condição atual de insegurança que faz as pessoas ficarem trancadas dentro de suas casas por medo da violência.

Notam as autoras que os três lobinhos estão constantemente tentando brincar no jardim, mas seguidamente o porco mau aparece e eles precisam fugir rapidamente para dentro de suas casas. Tal aspecto significaria a condição atual das crianças, trancadas em suas casas, jogando videogames, evitando os perigos das ruas.

Sobre a distinção dos três lobinhos, o narrador informa que eles têm o pelo macio, porém de diferentes cores: preto, cinza e branco, assim interpretado pelas autoras: “A primeira construção é aquela veiculada pelo discurso que destaca a valorização das características individuais, traço comum nos nossos dias, algo que – em uma relação de identidade/alteridade – nos identifica e diferencia” (OLIVEIRA, 2015, p. 176). Já no que diz respeito às diferentes cores dos pelos dos lobinhos, entendem as autoras que se apresenta “a questão da diferença/do diferente, em uma relação às temáticas da diversidade, neste discurso notadamente referindo-se à cor” (*Idem.* p. 176).

As abordagens realizadas sobre os dois contos nos permitem observar as possibilidades de análise para além dos aspectos meramente pontuais da história contada na literatura infantil. A leitura dos dois contos, em sala de aula, com as crianças, é motivo de entretenimento e de descoberta. De tal modo que os alunos podem dizer o que pensam sobre as duas histórias e, mediados em seguida pelo trabalho docente, descobrir nos contos de fadas, nas fábulas, e em outras obras literárias, sentidos e concepções capazes de enriquecer e de aguçar sua percepção para aspectos da vida cotidiana.

Não se trata de função edificante da literatura, mas de formação humanizadora, pela percepção do jogo de interesses nas histórias e dos arranjos feitos pelos personagens para conseguirem seus objetivos. Por exemplo, a conversão do porco mau, no final da história dos três lobinhos, indicia a possibilidade de mudança de posição em relação a atitudes que são infrutíferas, o que é, também, sinal de inteligência.

Esses dois contos são marcadamente relacionados a valores como o do trabalho e o do uso da inteligência prática. Vejamos a seguir um romance infanto-juvenil no qual o universo do personagem principal é rico de expressões emocionais que se coadunam com o ambiente em que são construídas.

4 Literatura infantil como sentimento do mundo

A literatura está ligada diretamente ao problema da existência humana, seja do indivíduo, seja da sociedade. Sobre o indivíduo, há o problema crucial deste dar sentido a sua vida. É raro alguém que nunca tenha se perguntado sobre as razões de seu viver. Ora, encontrar respostas a respeito de si mesmo, e do seu redor, possibilita à pessoa elevar a consciência própria e a compreensão de seu lugar no mundo. É tarefa das mais difíceis a da relação problemática homem-mundo. Mesmo assim, é inescapável, pois, “em primeiro lugar, deve-se tornar visível o ser-no-mundo, no tocante a seu momento estrutural ‘mundo’” (HEIDEGGER, 2002, p. 103). Certamente a literatura tem algo a dizer sobre essas possibilidades, vista no sentido da humanização apontada por Antonio Candido. Evidentemente, não se espera encontrar respostas cabais e definitivas, as que a pessoa busca, mas, ao menos, algumas diretrizes para seu existir, expostas em obras literárias.

Cada um vive apenas sua própria vida, ou, para usar a bonita expressão do filósofo Sören Kierkegaard (1990, p. 59), “o segredo da existência está em que cada qual deve costurar sua própria camisa”. Apesar dessa limitação, é possível, ao indivíduo, alargar seu horizonte de experiências humanas por meio da literatura. Graças à leitura, a vivência imaginária alcança uma gama considerável de sentimentos (compaixão, tristeza, ódio, etc.) e de pensamentos éticos (verdade, correção, senso de justiça), além, é claro, da percepção de diferenciadas

formas de relação social estabelecidas entre os personagens literários. Esses, e outros benefícios para a compreensão de mundo, são alcançados pelos leitores que vivem no plano imaginativo as vidas dos personagens dos quais leem.

No que diz respeito à criança, os enredos trazidos pelas obras literárias devem permitir acesso aos variados sentimentos humanos, desde que estejam ligados “ao significado mais profundo e àquilo que é significativo para ela neste estágio de desenvolvimento” (BETTELHEIM, 1980, p. 13). Nesse sentido, as obras destinadas ao público infantil se caracterizam como tal pelo cumprimento desse preceito: serem significativas para a criança e seu mundo. Ora, esse período da vida é marcado por descobertas que constroem a interioridade da pessoa e sua personalidade. Dito de outro modo, o desejo da criança de colocar ordem na *casa interior* a leva a buscar explicações de mundo. É a fase dos porquês, tão marcadamente identificável nos pequenos. Experiências interiores mais ricas são conseguidas por meio da leitura de enredos nos quais os personagens vivam situações motivacionais ricas. Então, para a abordagem de uma obra literária que entendemos se coadunar com essa perspectiva, elegemos para análise, aqui, uma que fez grande sucesso na segunda metade do século passado.

Escrito em 1968, por José Mauro de Vasconcelos, *Meu pé de laranja lima* é um romance infanto-juvenil que alcançou grande sucesso de público. Atualmente, tem sido objeto de ensino em classes de crianças, como pudemos acompanhar em uma escola privada de Vilhena/RO, com grande atenção dos pequenos que, do seu modo, discutiam os momentos que julgavam mais tocantes desse romance.

A obra narra a história de Zezé, menino pobre, na idade de 5 anos. Sua família, que não o compreende, vive em meio às agruras da falta de recurso. Zezé é espancado, tanto por suas travessuras, quanto, principalmente, pela falta de compreensão dos familiares. Seu

sofrimento se dá em duplo sentido: físico e psicológico. Deste segundo, o episódio do Natal é ilustrativo. Nessa ocasião, ele preparou os sapatinhos, nos quais Papai Noel depositaria os presentes. Mas, não houve presente algum, e Zezé exclama: “Como é ruim a gente ter pai pobre!...” (VASCONCELOS, 2009, p. 48). Em seu desconsolo, Zezé busca refúgio em seu mundo interior, no qual habita um pássaro imaginário. No diálogo com o Tio Edmundo, relembra Zezé: “Aí eu olhei Tio Edmundo com uma pena danada. Meu passarinho lá dentro falou uma coisa” (VASCONCELOS, 2009, p. 18). Sobre o fim desse passarinho, daremos notícias mais adiante.

No imaginário infantil, a criação do mundo do *faz de conta* se apresenta em jogos e brincadeiras. No caso de Zezé, o fundo do quintal de sua pobre casa se transformou em três coisas, como ele próprio descreve: “O quintal se dividia em três brinquedos. O Jardim Zoológico. A Europa que ficava perto da cerca bem-feitinha da casa de seu Julinho. Por que Europa? Nem meu passarinho sabia. Lá que a gente brincava de bondinho de Pão de Açúcar” (VASCONCELOS, 2009, p. 24). Destacamos, nesse pequeno trecho, aspectos imaginados pelo personagem, próprios da criatividade infantil, como o embaralhamento geográfico que coloca o Pão de Açúcar na Europa, e a localização da Europa próxima à cerca bem-feitinha de seu Julinho, o que pode ser lido como próximo de uma casa mais rica do que a sua, o que indicia certa concepção acerca do continente europeu, mais rico do que o de Zezé.

Quanto ao pássaro interior, este será substituído pelo pé de laranja lima. A descrição dessa passagem é feita numa simbiose de elementos da psique do personagem. Zezé está cavando a terra quando ouve uma voz: “Pensava que era o meu passarinho de dentro que se encarregava de arranjar fala” (VASCONCELOS, 2009, p. 33). Ao perceber que é a árvore quem dialoga com ele, pergunta: “todo mundo sabe que você fala? Não, só você” (p. 33). Nosso herói batiza a árvore com o nome de Minguinho. Dali em diante, Zezé estará com ela para dialogar e pedir

sugestões. Trata-se de um diálogo consigo mesmo, pois Zezé pergunta para a árvore já sabendo a resposta que quer ouvir. Nesse sentido, o pé de laranja lima se mostra em alguns momentos como o *alter ego* do personagem, e, às vezes, a conversa com Minguinho se aproxima de monólogo interior, como se depreende do capítulo dois, na segunda parte do romance (VASCONCELOS, 2009, p. 107-108). De todo modo, há uma mudança de perspectiva no que diz respeito à substituição do pássaro pela árvore. Zezé está mudando sua percepção de mundo e, com isso, substituindo elementos de seu imaginário por outros. O pássaro o deixará, como está descrito de modo belíssimo pelo menino:

Levantei emocionado e abri a camisa. Senti que ele ia saindo do meu peito magro.

Voa, meu passarinho. Bem alto. Vá subindo e pouse no dedo de Deus. Deus vai levar você para outro menininho e você vai cantar bonito como sempre cantou para mim. Adeus, meu passarinho lindo! (VASCONCELOS, 2009, p. 66-67).

A imagem do pássaro é a evocação da infância. Esta ganha asas, mas não morre, pois a infância se realiza em outros meninos que estão por vir, e que também crescerão.

A sensibilidade do menino que vive uma vida de perdas, como a da trágica morte de um amigo. Zezé havia conhecido o Senhor Manuel Valadares em meio às peraltices das crianças, pois os meninos eram acostumados a pular na traseira do carro desse rico português para pegar carona no caminho perto da escola. Seu Valadares pareceu gostar de ver a alegria de criança que transborda de Zezé. A amizade foi acontecendo, o português ofereceu carona para o menino. Entabulavam conversas, e o afeto desse senhor era reconfortante. Pode se ler nas linhas do romance que esse personagem cumpre o papel de carinho paterno que Zezé não recebia do próprio pai. Apesar disso, certo dia, ao passar pela linha do trem com seu automóvel, o Senhor Valadares é colhido pelo

Mangaratiba (nome dado ao trem). O menino sente a dor da perda e pensa “que não havia mais ninguém na vida. [...] Nunca mais iria ver o meu Portuga. Nunca mais; ele se fora” (VASCONCELOS, 2009, p. 167).

A morte do português, mais a notícia de que iriam cortar o pé de laranja lima, fizeram o nosso herói sentir dor mais intensa do que cortes e surras. E o menino adoeceu, com febre por três dias, sem querer nada. Contudo, conta nosso personagem narrador: “Mas, poucos dias depois acabou. Estava condenado a viver, viver” (VASCONCELOS, 2009, p. 178). Vive como literatura. Revive em cada leitura que fazemos desse romance pleno de sensibilidade e de encantamento, que tanto sucesso teve entre leitores infanto-juvenis.

5 Considerações finais

Os resultados do presente trabalho mostram que é possível realizar, por meio da literatura infantil, aquilo que Antonio Candido chama de Função Humanizadora da Literatura. Essa função pode se dar tanto no sentido da formação humana almejada para as nossas crianças, como no que diz respeito à formação psicológica apontada por Candido em *O direito à literatura* (2011).

Os exemplos trazidos neste trabalho focam aspectos que estão voltados para o mundo exterior da pessoa, ou seja, das relações econômico-sociais, como no caso dos três porquinhos, mas também para os aspectos da vida interior da pessoa, de sua vida psíquica, como ocorre na história de Zezé. Em ambos os casos, há a formação do homem e a sua humanização para a consciência de si e do mundo, e das relações sociais em que está implicado.

Em razão disso, é indubitável a necessidade de haver, na relação de aprendizagem em sala de aula, a interação entre professor e aluno,

efetivada na realização de leituras de obras de literatura infantil, desde que visando a compreensão de mundo por parte dos envolvidos, de tal modo que se vá além da mera história contada na obra literária, e, acima de tudo, buscando ampliar os horizontes de perspectivas dos alunos envolvidos no processo educacional escolar. Desse modo, teoria e prática se entrelaçam no realizar a busca de elementos que, graças à formação pretendida para e com os alunos, confirma a humanidade do homem por meio da literatura.

Referências

AGOSTINHO. *De magistro*. Petrópolis: Vozes, 2009.

AQUINO, Tomás de. *Sobre o ensino (De Magistro)*; Os sete pecados capitais. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ARISTÓTELES. *Política*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: _____. *Textos de intervenção*. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

BBC – BRASIL. *Exame internacional desfaz 7 mitos sobre eficiência na educação*. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150408_educacao_sete_mitos_mv>. Acesso em: 01 abr. 2016.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

KIERKEGAARD, Søren. *Temor e tremor*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1990.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira*. Recife: Massangana, 2010.

OLIVEIRA, Nair Maria de. et al. A leitura de contos de fadas e a formação do leitor na educação básica. In. ALVES, F. L. et al. *Desenvolvimento da educação básica: desafios contemporâneos*. Curitiba: CRV, 2015.

PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

SAVIANI, Dermeval. *As concepções pedagógicas na história da educação brasileira*. Campinas: 2005. Disponível em:
<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Dermeval_Saviani_artigo.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

VASCONCELOS, José Mauro de. *Meu pé de laranja lima*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.